

Escrever em Saúde Mental Coletiva: A Pedagogia no Rastro de Eurídice

Writing in Collective Mental Health: Pedagogy on Eurydice's trace

Gisele Vicente

Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

Luciano Bedin Bedin da Costa

Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação. Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

Alexandre Sobral Loureiro Amorim

Médico sanitарista, Mestre em Saúde Coletiva e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

Resumo

Tarefa para um ensaio: lançar um “olhar de Orfeu” para escritas de trabalhos de conclusão de pedagogas e pedagogos do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva oferecido pelo Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde / UFRGS) ao longo de um período de sete anos (2008–2015). Remetendo à pesquisa de mestrado “Escrever em Saúde Mental Coletiva: a pedagogia em jogos de luz e sombra” (SILVA, 2017), que contagiada pela obra Michelet, de Roland Barthes faz uso do que nomeia de Método-Livro na tentativa de compor um texto a partir de leituras diversas destes trabalhos de conclusão de residência, ensaia-se este olhar: as narrativas destes profissionais vinculados à residência evocam signos capazes de entrever práticas da pedagogia junto ao campo da saúde, assim como o transbordamento de suas fronteiras, provocando-nos a pensar nos limites, temores e potências de um trabalho multiprofissional e interdisciplinar e sua escrita. Os trabalhos de conclusão produzidos pelo olhar da pedagogia apontam para caminhos diversos, afirmando (e ao mesmo tempo obscurecendo) rastros peculiares nos territórios pedagógicos da saúde mental coletiva.

Palavras-chave: Pedagogia; Saúde Mental; Residência; Equipe Multiprofissional; Narrativas.

Abstract

Task for an essay: to cast an "Orphic gaze" on writings of pedagogues' completion works for their Multi-professional Integrated Internship Program in

Collective Mental Health offered by the Center for Education, Evaluation and Pedagogical Production in Health (EducaSaúde / UFRGS) over a period of seven years (2008-2015). Referring to the masters research "Writing in Collective Mental Health: the pedagogy in games of light and shadow" (SILVA, 2017), that was contaminated by Michelet, a work of Roland Barthes and so makes an use of what is called Book-Method in an attempt to compose a text from diverse readings of these works of conclusion of residence, this look is rehearsed: the narratives of these professionals linked to their practices as resident evoke signs

capable of glimpsing practices of pedagogy close to the health field, as well as the overflowing of its borders, we are thinking of the limits, fears and powers of a multidisciplinary and interdisciplinary work and its writing. The conclusion works produced by the pedagogical gaze point to different paths, affirming (and at the same time obscuring) peculiar traces in the pedagogical territories of collective mental health.

Keywords: Pedagogy, Mental Health, Internship; Multi-professional Team, Narratives.

Prelúdio

O mito lhe diz que Orfeu perde para a morte sua amada Eurídice no dia do seu casamento. Inconformado com a sua perda Orfeu negocia com o inferno sua dor e consegue autorização de Hades para descer às profundezas do reino da morte e resgatar sua amada, com uma condição: não poderia olhar para trás durante a travessia. Instantes antes de chegar à superfície clara do dia, impaciente e suspeitando ter sido enganado, Orfeu olha para trás, para ter certeza de que sua amada realmente estava com ele; com esse gesto, Orfeu perde Eurídice pela segunda vez, e ela desfaz-se em neblina, na obscuridade dos infernos. Disseram-lhe que, para escrever, é necessário uma boa escrita; destas que surgem na forma de uma grande luz que inspira o texto luminoso em blocos. Disseram-lhe que, para escrever, é necessário o olhar de Orfeu, metáfora usada para o gesto de voltar-se para trás, para o texto escrito, e encará-lo sob o risco de perdê-lo. Quem tem medo de olhar o próprio texto? No jogo poético de Orfeu, sua lira encanta os seres corpóreos e incorpóreos,

seduz como poeta e como bom escritor. Num sobressalto você percebe que a escrita se esquivava de você como Eurídice, desaparecida em sombras, esquivava-se dos dias e de todo cotidiano com Orfeu. E é somente com a recusa de Eurídice que, aturdida, você intui que para escrever é necessário estar em sombra com Eurídice. Míope, você tenta enxergar na claridade do dia (sob a luz de Orfeu) e resiste: todos dispostos a escrever estão numa espécie de pequena luz, alimentam-se de lampejos quase imperceptíveis, de escritas que acontecem em pequenos clarões, em feixes de luz e frestas sombrias. A imagem que lhe ocorre é a impossibilidade de uma *grande luz*, que ilumina apenas alguns *bons* textos. Você conclui que todos dispostos a produzir através da escrita estão, nauseadamente, na pequena luz. Escrever com Eurídice é escrever na profundidade necessária para um *gênero órfico de vida*, que consiste em você juntar fragmentos em vida inventados em tumultos de palavras que, dispostas em frases, cadenciam textos com predileção para nebuloso

sidade das sombras onde desvios devaneios aparecem e desaparecem, como Eurídice esquivando-se do dia com Orfeu.

Um dizer, um fazer... um escrever que é realizar...

A escrita que se apresenta aqui fabula sobre você e pedagogas e a inserção da profissão pedagogia no Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica (EducaSaúde) pelo programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RIS-SMC/UFRGS); Mas também é sobre o estremecimento de um fazer futuro e outros acontecimentos – inesperados, estranhos, doídos e intensos demais para que você possa chorar por eles e verdadeiros demais para você rir deles –, que quase lhe impedem de escrever, já que existe uma neblina suficientemente forte neste instante e desde antes para que você não tenha de vê-los. Talvez tamanha densidão esteja na loucura em você reconhecer que não são poucas as disputas produzidas em territórios de saúde no que tange à produção do cuidado individual e coletivo de qualquer vida.

Assumindo o mito de Orfeu em caminho nebuloso de luz e sombra, “porque o mito é sempre um jogo de luz e sombra, descoberta e recobrimento, ao mesmo tempo ingênuo e complexo, transparente e enigmático”^{1:14} você faz recordar a aparição da pedagoga como residente em saúde mental coletiva, onde uma vaga para esta profissão, no ano de 2008, estava prevista em edital no primeiro programa de residência inte-

grada multiprofissional em saúde mental coletiva (o primeiro com vaga para pedagoga no país), dando início a um percurso que iria durar por oito anos (para a profissão de pedagoga).

O que você fará se realizará a partir da sua leitura e escrita juntamente com as leituras e escritas dos trabalhos de conclusão de residência, os Trabalhos de Conclusão de Residência (TCRs), que se sustentam na neblina em uma espécie de gagueira neste jogo de escrita que se apresenta a você como “uma terceira possibilidade: quando dizer é fazer”^{2:138} e você reconhece uma escrita que balbucia, neste terceiro espaço, outra língua. Trata-se de ver e ouvir TCRs tecidos em sulcos, fendas, frestas e rugas porque “o texto tem necessidade de sua sombra” lhe diz Barthes.^{3:41} Talvez as pedagogas, quando imersas em palavras, estão como alguém que, ao gaguejar o texto fazem “desse exercício, também, os modos, processos e dinâmicas para a efetivação da prática coletiva. Seria então, todo movimento de fazer fissuras, pelo gosto de tirar em lascas todo excesso que a palavra carrega.”^{4:71}

Um método, um livro... os estremecimentos de uma paixão...

Foi no sanatório de Leysin que Barthes consegue ler Michelet inteiro e você sabe vir desse movimento o método-livro, pois é nesse tempo que Barthes lhe conta que transcrevia em fichas as frases que ele gostava “por algum motivo ou que, simplesmente, se repetiam; classificando essas fichas, mais ou menos como nos divertimos com baralhos, eu só podia dar em uma

temática”^{5:125} Barthes é transferido para Suíça em fevereiro de mil novecentos e quarenta e cinco, para o sanatório de Leysin e, neste período, “Mergulha em *Michelet* [...] Lê com cuidado, anotando e comentando em voz alta o que escreve, e dedica-se, sobretudo às fichas, de maneira meticulosa, quase maníaca”^{6:77} E você passa a desejar a técnica das fichas de Barthes que, ao escolher o padrão das fichas, Barthes tem de copiar quase novecentas fichas já redigidas e “cria um sistema de divisórias, usando pedaços de madeira e cordões, que possibilita a consulta por tema ou assunto, e guarda como tesouro as anotações de sua viagem através da obra de *Michelet*.”^{7:77-78}

O *Método-Livro* lhe parece uma metodologia mais próxima do estremecimento que a sua decisão de escrita lhe causa, como o corpo excessivo de Barthes, transbordando em náusea e fragmentos e da organização de mais de mil fichas sobre Jules Michelet (e mais uma dezena delas produzidas por você na leitura dos TCRs) em um trabalho de doze anos em uma centena de páginas onde encontra seu estilo e seu método que “consiste em redigir fichas, a cada dia, sobre os mais variados assuntos, e classificá-las em diferentes combinações até o momento em que surgirá uma estrutura, uma temática.”^{8:134}; e o livro *Michelet*, assim como a tua tentativa no método-livro, são próprios deste procedimento, de acompanhar e valorizar uma temática com paixão.

Escrever, proliferar... à necessária sombra de Eurídice...

É com Eurídice que tudo nasce em uma escrita. É quando Eurídice recusa estar à luz de Orfeu que a possibilidade de escrever germina você e a pedagoga e toda escrita de TCR em fenômeno de um calor próprio da oposição sombra/luz: “o calor (ou seja, a virtude específica de toda incubação) é, ao contrário, um fenômeno de profundidade; é signo da massa, do inumerável, do povo, do bárbaro.”^{9:152-153} Se para escrever é preciso o olhar de Orfeu, para seguir escrevendo é necessário estar com Eurídice, e é ela quem carrega você e toda gente em zonas temperadas e em meios incubadores dos quais o calor faz brotar o inumerável, o povo, tantas gentes e muitas vozes.

Você percebe o paradoxo que é ver tudo nascer com Eurídice que morre duas ou tantas vezes, e pensa ser justamente esse contrassenso a potência para os TCRs de pedagogas que, em pequenas mortes, vêm renascer em texto, uma língua impossível, “como todos os magos, desde Moisés, que viram a Terra Prometida sem poder atravessar a porta”^{10:156}, você e as pedagogas e tantos outros também viram, embora nunca tenham saído das sombras, frestas de luz que revelaram não uma terra prometida, mas a impermanência de qualquer coisa. À sombra com Eurídice, fragmentos sobreviventes em idas e vindas próprias de escritas que, antes mesmo de nascerem em textos, faziam parte “das infinitas possibilidades de vida que poderiam ou não realizar-se”^{11:108}

Alastra-se a ideia de que uma saúde mental coletiva precisa estender-se ao inumerável,

ao indizível, a polifonia de vozes, a educadores por opção, e para esses, “talvez estar morto seja passar no oceano das ondas que permanecem ondas para sempre, logo é inútil esperar que o mar se acalme.”^{12:109} O que temem, pedagogos e não-pedagogos, são escritas (palavras/pensamentos/memórias) que hoje narram um mundo sem nós: pela ordem e pelo progresso.

Em nós, com Eurídice, a certeza de pequenas ilhas sobreviventes a todo assombro, impermanência e morte das coisas: primeiro eles fizeram ausente o pedagogo na saúde mental coletiva, depois eles iniciaram a golpes e baques a destituição de peças/pessoas chave no jogo que é a garantia/permanência de políticas públicas de saúde, educação e cultura em nosso país, logo depois você soube do corte de verbas para saúde e em especial para as residências multiprofissionais em saúde coletiva e conseqüentemente, a diminuição de vagas, o esgotamento de docentes e trabalhadores devido à precariedade dos serviços e o pior: o fechamento de programas/unidades/fundações de saúde e educação. Nós com Eurídice irrompemos de muitas mortes e entendemos que é em fragmentos que se “permite transferir à memória e à linguagem de quem continua a viver aquele tanto ou aquele pouco de experiência”^{13:112} que se propaga, apesar deles, em zonas habitadas *em nós*.

Estranha, abismal... uma escrita da pedagoga...

Você observa com poucos critérios e talvez até narre inverdades sobre como a pedagoga escre-

ve: o olho, inicialmente, perde o foco e os TCRs tropeçam relatos de que, “quando expostos ao ambiente de trabalho, ou diante de situações-problema,” não é incomum que as pedagogas “percebam a fragilidade de seus currículos de origem e o quanto costumeiramente estes não conseguem dar conta da complexidade de um trabalho coletivo em saúde.”^{13:06} E é dessa complexidade do trabalho coletivo narrado pela pedagoga que surgem algumas questões: “Seria a pedagogia estranha ao ninho da Saúde?”^{14:10} ou “Como é pensar em um território desconhecido?”^{15:30} Para outras, a complexidade de uma formação em uma Universidade Federal pode estar nos “abismos entre as diferentes classes sociais” que evidenciam a fragilidade de alunos como a pedagoga que relata ter de “correr contra o tempo para conseguir dar conta daquilo que me foi negado na infância e na adolescência.”^{16:07}

A complexidade do trabalho coletivo em saúde aparece na escrita da pedagoga inicialmente como uma fragilidade, mas ganha força na medida em que esse texto exercita assumir que “subjativado também a partir de uma língua maior, ensinada e alimentada por seus respectivos currículos disciplinares, o residente então se põe a escrever”^{17:09} A pedagoga lhe aparece como alguém que escreve a partir de *s i m e s m a e d o s p e r c u r s o s / t r a j e t o s / c a m p o s / s e r v i ç o s* de saúde por ela experienciados na RIS-SMC/UFRGS. A pedagoga desvela na escrita recortes de memórias diversas em clarões que projetam sombras capazes de fazer com que você leia

cada TCR tateando aqueles que escrevem para fazer pertencer qualquer vida.

Você lê a pedagoga que realiza/concretiza alguma vida em palavras e, ainda que seja uma escrita que “faça uso das experiências e memórias produzidas ao longo do trabalho no campo” o que você busca nesses textos “é a produção de um pensamento que sustente um outro trânsito diante do vivido.”^{18:07} E você busca este outro trânsito que ora aparece na escrita da pedagoga como uma possibilidade de estranhamento de si e do campo da saúde mental coletiva quando “esta 'profissão' que entra, a Pedagogia, só entra porque existe um campo em movimento. Um campo em invenção”^{19:16} Ou ainda “derivar para tornar-se outro que não sabe, composto de uma terceira margem que o atravessa”^{20:21}

E o que você quis, ao ler os TCRs das pedagogas, foi justamente o reconhecimento de uma língua em desmoronamento que lhe convida a “construir escadas e alcançar a lua.”^{21:06} A pedagoga narra sua descida em despenhadeiro cujo corpo só é interrompido por “muros que criam abismos cada vez maiores”^{22:11} A pedagoga que escreve é aquela que eventualmente acredita: crê em suas ações “por sonharem 'outro lugar' ou 'lugar outro' e por serem inquietas, por acreditar que nesse 'estranho' se reconhece algo 'familiar’”^{23:20} Eventualmente, a pedagoga que escreve acredita no seu potencial intercessor, e nos TCRs você lê a confiança em que as próprias pedagogas sejam “os intercessores nas equipes” e ao mesmo tempo querem saber “o que é

necessário para que a gente se constitua como esses intercessores?”^{24:17}

Os TCRs não respondem tal pergunta, mas sentem que para serem intercessores terão de “provoocar muitos burburinhos, cochichos, sussurros, desde que para outra língua”^{25:43} e no qual a própria “inserção da Pedagogia neste campo, que tem todos os lugares esquadrihados e ao mesmo tempo nenhum lugar esquadrihado” são “espaços em construção” aonde a pedagoga chega “com ferramentas na caixa” na proposição de “mexer todas as peças, porque não tem como entrar uma peça nova e não desacomodar as outras.”^{26:17} A pedagoga que eventualmente acredita espera da escrita na saúde mental coletiva, o testemunho de que ela, a pedagoga, faz abrigo nas palavras: “para a pedagoga, vibram palavras porque elas têm gana, sempre!”^{27:14}

As pedagogas que você observa, por vezes, têm “vontade de deixar descansar toda aquela linguagem que está em sua cabeça, em seu trabalho, nos outros, como se a linguagem fosse ela própria um membro fatigado do corpo humano”^{28:194} Sem palavras “gaguejam-se lugares originários, palavras disciplinares e disciplinadas”^{29:11} e um certo mutismo fascina e assombra quem procura algum som que sirva para descrever o cotidiano da pedagoga trabalhadora da/na/em saúde: Escrever sobre silêncios e engasgos: “quando se fica emudecida, também há o que escrever?”^{30:24} indaga a pedagoga que em contato com tantos outros nos territórios de

“passaporte em intermináveis viagens”^{31:06} de passagens só de ida, cujos retornos não são possíveis pela mudez provocada no contato da pedagoga com uma língua maior da saúde que, apesar de parecer 'tirar a palavra' à força, a fórceps, o contragolpe inevitável da constatação de ser “justamente nas palavras que encontro refúgio.”^{32:07} ou ainda pela “possibilidade de encontrar nas palavras ditas, repetidamente, algo de surpreendente”^{33:09}

Concluir, vivenciar... vagar em Territórios Pedagógicos...

Hoje, observando os TCRs dos pedagogos, você suspeita que tais escritas tenham lhe despertado uma ideia de territórios pedagógicos, e esses territórios têm “outra alma – uma entre tantas –, que vive do acordo entre as velhas pedras e a vegetação sempre nova, no dividir os favores do sol.”^{34:49} Sobre velhas pedras você conhece histórias que começaram antes e quando recontadas vigoram uma viçozidade sempre nova e própria de espaços de muitas gentes cujos movimentos não cessam e “a sensação é de estar expandindo por territórios jamais imaginados”^{35:27} Esses territórios pedagógicos jamais imaginados podem ser zonas indeterminadas cujo convite sugere “imaginar-se em um lugar estranho ao que se conhece.”^{36:31} e você percebe o embate de qualquer corpo disponível a “[in]ventar outro lugar”^{37:11} que refaz quem o habita a ponto de fazer não mais reconhecer o próprio corpo que transforma-se em outros e somente assim vislumbram “esse lugar de existência e de visibilidade” aonde pedagogas e não-pedagogas “se

costuram com outras experiências”^{38:45} acoplado-se em outros tantos.

Você vagueia territórios pedagógicos e vivencia polifonias em palavras porque para lê-los foi preciso também os ouvidos, e toda lembrança em vozes de pedagogas e não-pedagogas, dedicadas a uma temática que germina sempre que você a ouve e esse tema é a educação/pedagogia na saúde, que você conhece a partir dos TCRs das pedagogas residentes na RIS-SMC/UFRGS, e que te levam além, em uma espécie de história escrita num tempo antes : isso significa para você que uma possível educação/pedagogia em saúde lhe escapa tantas vezes justamente pela sua potência de sementeira, de criação, de produção.

Você também reconhece esses territórios pedagógicos como uma “espécie de pedagogia da zona” que pode ser àquilo que desacomoda, tira do lugar comum, que vira uma zona, um lugar de distinção “entre diversos e, a um só tempo, lugar de encontro, possibilidade de contágio e mestiçagem. [...] No caso da fronteira entre a atenção psicossocial e a rede cultural da rua, a pedagogia que daí deriva, abandona a normalização e a prescrição, lança-se nos espaços de criação e de invenção das cidades.”^{39:10}

Você entende que toda produção em texto acerca de uma pedagogia/educação em saúde, faz um território pedagógico de muitas gentes que escrevem criando e inventando coletivos de zonas, que desde 1998, por meio de dissertações de mestrado e teses de doutorado, artigos e capítulos de livros a partir do estudo aprofun-

dados dos processos de desencadeamento e dos desdobramentos da Saúde Mental Coletiva no Estado do Rio Grande do Sul, você soube que muitas escritas deram forma a territórios pedagógicos a partir de trabalhado-

res/pesquisadores/autores cujas produções textuais transbordam uma educação/ pedagogia que se faz presente mesmo sem a pedagoga: são as vocalizações da pedagogia que compõem a educação em saúde.

Referências

- ¹. BRICOUT B. O Olhar de Orfeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ². DELEUZE G. Crítica e Clínica. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ³. BARTHES R. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ⁴. COSTA LB, SILVA GV. Sem palavras na ponta da língua: saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira. Saúde em Redes. 2015 1(2): 69-80.
- ⁵. BARTHES R. Inéditos, v.4. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ⁶. CALVET JL. Roland Barthes Uma biografia. São Paulo: Siciliano, 1993.
- ⁷. CALVET JL. Roland Barthes Uma biografia. São Paulo: Siciliano, 1993.
- ⁸. CALVET JL. Roland Barthes Uma biografia. São Paulo: Siciliano, 1993.
- ⁹. BARTHES R. Michelet. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ¹⁰. BARTHES R. Michelet. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ¹¹. CALVINO I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ¹². CALVINO I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ¹³. COSTA LB. Fronteiras desguarnecidas: noturnos de uma residência multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. In: KASTRUP V, MACHADO AM, organizadores. Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação. Curitiba: CRV, 2016.
- ¹⁴. DALMASO DF. Pedagogia da Mandala: A Pedagogia tramando/inventando a Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ¹⁵. BRAGANÇA I. Antes só: diante de si mesmo. Agora, acompanhado: na presença do outro. Terapeuticamente falando: um outro idioma? [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2014.
- ¹⁶. VIEIRA LR. Do estranhamento às estratégias de cuidado: o que aprendi no percurso como residente [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2016.
- ¹⁷. COSTA LB. Fronteiras desguarnecidas: noturnos de uma residência multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. In: KASTRUP V, MACHADO AM, organizadores. Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação. Curitiba: CRV, 2016.
- ¹⁸. COSTA LB. Fronteiras desguarnecidas: noturnos de uma residência multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. In: KASTRUP V, MACHADO AM, organizadores. Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação. Curitiba: CRV, 2016.
- ¹⁹. DALMASO DF. Pedagogia da Mandala: A Pedagogia tramando/inventando a Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²⁰. SILVA GV. Sem palavras na ponta da língua: saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²¹. ALVES GF. EQUIS: Cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de subjetivação e na construção da atenção em saúde mental coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2010.
- ²². VIEIRA LR. Do estranhamento às estratégias de cuidado: o que aprendi no percurso como residente [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2016.
- ²³. VIEIRA LR. Do estranhamento às estratégias de cuidado: o que aprendi no percurso como residente [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2016.

- ²⁴. DALMASO DF. Pedagogia da Mandala: A Pedagogia tramando/inventando a Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²⁵. SILVA GV. Sem palavras na ponta da língua: saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²⁶. DALMASO DF. Pedagogia da Mandala: A Pedagogia tramando/inventando a Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²⁷. SILVA GV. Sem palavras na ponta da língua: saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2013.
- ²⁸. BARTHES R. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- ²⁹. COSTA LB. Fronteiras desguarnecidas: noturnos de uma residência multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. In: KASTRUP V, MACHADO AM, organizadores. Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação. Curitiba: CRV, 2016.
- ³⁰. WERNER S. Colorindo Cenários, emprestando cores: A Pedagogia na Saúde Mental Coletiva a partir do vivo [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2016.
- ³¹. BRAGANÇA I. Antes só: diante de si mesmo. Agora, acompanhado: na presença do outro. Terapeuticamente falando: um outro idioma? [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2014.
- ³². BRAGANÇA I. Antes só: diante de si mesmo. Agora, acompanhado: na presença do outro. Terapeuticamente falando: um outro idioma? [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2014.
- ³³. BRAGANÇA I. Antes só: diante de si mesmo. Agora, acompanhado: na presença do outro. Terapeuticamente falando: um outro idioma? [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2014.
- ³⁴. CALVINO I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ³⁵. VIEIRA LR. Do estranhamento às estratégias de cuidado: o que aprendi no percurso como residente [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2016.
- ³⁶. ALVES GF. EQUIS: Cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de subjetivação e na construção da atenção em saúde mental coletiva [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2010.
- ³⁷. RODRIGUES E. Pedagogia do pormenor: rendi[o]lhando fo[car]tografias de formação [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2012.
- ³⁸. RODRIGUES E. Pedagogia do pormenor: rendi[o]lhando fo[car]tografias de formação [trabalho de conclusão]. Porto Alegre: RIS-SMC/UFRGS; 2012.
- ³⁹. COSTA LB. Projeto Políticas do Texto: o escrever no território da pós- graduação [projeto de pesquisa]. Porto Alegre: PPGPSI/UFRGS; 2015.

Notas

¹. De 2008 a 2016 esta profissão constou nos editais da RIS-SMC/UFRGS que formou nestes anos onze pedagogas/pedagogos especialistas em saúde mental coletiva. Por ordem cronológica de entrada no programa: Gabriel Feichas Alves (2008); Elisandro Rodrigues e Cristiane Inácio Mença (2010-2011); Daniele Fraga Dalmaso e Gisele Vicente da Silva (2011-2012); Iolanda Bragança e Mariana Wandel de Oliveira (2012-2013); Mariana Starzner Esteve e Liana Roxo Vieira (2013-2015); e Aline Britto Miranda (2016).

². Disponíveis na plataforma LUME, que é o portal de acesso às coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, também, em arquivos do núcleo EducaSaúde.

Submissão: 22/09/2018
Aceite: 23/12/2018